

Capítulo 6

Do literal ao literário: a linguagem e suas inscrições poéticas na psicose¹

Tatiane Cristina Nunes²
Eloisa Borges³

INTRODUÇÃO

Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina. No osso da fala dos loucos tem lírios.

Manoel de Barros

O presente capítulo foi gestado e nasceu da experiência de estágio desenvolvida durante o ano de 2010 no Serviço de Referência em Saúde Mental (Sersam) da cidade de Divinópolis/MG. Tratou-se de uma experiência com oficinas terapêuticas em saúde mental e que teve a duração de um ano, no qual se buscou a criação de um espaço composto tanto por um viés clínico quanto por uma perspectiva psicossocial.

A escolha por esta prática localizou-se na confluência entre dois principais campos de interesse: a saúde mental e a literatura, visto que o

trabalho foi desenvolvido com Oficinas de Letras, dentro das quais se visou uma espécie de manuseio das palavras, das letras, da língua e do signo para a “criação” ou uma sustentação de uma linguagem, sobretudo junto aos indivíduos psicóticos⁴.

Desse modo, o objeto da discussão refere-se à intensa produção desenvolvida no espaço das oficinas. Espaço em que – uma vez disponibilizadas superfícies concretas⁵ para a inscrição de um trabalho artesanal – uma língua outra poderia se inscrever. Uma língua, sobretudo, atravessada pelas próprias palavras, atropelada pelas próprias letras, marcada pelo que tem de singular. Interessa, aqui, fazer uma leitura dessas produções que, muitas vezes belas, parecem situar-se entre o literal e o literário. Cabe ressaltar que, para uma leitura dessas produções, há que, no mínimo, se fazer leitor. Assim, não só a escuta há de ser afinada, mas também o olhar.

Contudo, para que se leia a produção, ou mais estritamente a escrita na psicose, é necessário que se lance sobre esta alguns focos de luz. Essas luzes serão buscadas tanto na psicanálise, que fornece contribuições valiosas para se pensar o aspecto *literal* dessa escrita, dessa fala; quanto na literatura, que, enquanto mais vasto e rico campo de transformação da linguagem, vem suportar o aspecto quicá literário destas mesmas produções. Assim, cabe dizer que o embasamento teórico a ancorar este trabalho situa-se naquele ponto onde se encontram literatura e psicanálise, sendo ainda transpassado por uma perspectiva sócio-histórica, de cunho inegavelmente psicossocial.

A literatura e a psicanálise convergem em um ponto central: ambas se fundam na linguagem, conforme aponta Brandão (*apud* CAMPOS, 2007), e este diálogo se faz caro para o trabalho com Oficinas de Letras, visto que, na criação literária, ou, ainda, no simples manusear da língua que é acolhida nesse espaço, reside toda uma função clínica que é a de

cociar vias para a localização do indivíduo psicótico enquanto sujeito, e isso pela via da própria linguagem.

Se a base teórica aí se funda, cabe dizer que as oficinas constituem o método de intervenção eleito, seja pelo seu caráter clínico, seja pelo fato de que estas facilitam o estabelecimento de laços, ou, ainda, porque viabilizam – de acordo com sua proposta – o intercâmbio entre o serviço e a cidade, constituindo um esforço para a promoção da cidadania.

Enquanto um campo de intervenção certamente pertinente e promissor dentro desse tipo de serviço, as oficinas constituem ainda um método bastante rico, composto de vieses tanto sociopolíticos quanto clínicos, e enquanto espaço. Espaço para a inscrição de uma linguagem com “defeito”, mas tão poética quanto claudicante. Espaço físico de uma sala enorme, com mesas igualmente grandes para suportar a escrita pesada; espaço para uma transformação quase alquímica de letras – por muitas vezes sobrescritas, desconexas, justapostas, isoladas, de ponta-cabeça – em uma linguagem, quiçá em discurso, quiçá em versos.

SERSAM: QUE CONTEXTO? QUE HISTÓRIA?

O Sersam, enquanto *locus* desta prática, surge como uma estratégia que vai de encontro à criação de uma nova clínica, descentralizada e produtora de autonomia. Até algumas décadas, os hospitais psiquiátricos abrigavam os indivíduos com transtorno mental, dispensando-lhes um tratamento segregante, violento e silenciador.

No entanto, se os muros dos manicômios puderam ser gradualmente derrubados graças aos esforços de movimentos como a Luta Antimanicomial e a Reforma Psiquiátrica, o mesmo não se pode dizer do paradigma por este representado. Ainda que não se possam negar

os avanços rumo à reintegração e à cidadania dos indivíduos com transtorno mental, o preconceito continua a sustentar “mordanças”, que subsistem sob nova roupagem na atualidade.

Um breve retorno à história contribui para se pensar a loucura silente que jaz em nossos dias, dentro dos serviços substitutivos e fora deles, dentro das cidades e fora delas. Sobrescreve-se à história do encerramento da loucura a história de seu silenciamento. Ao seu aprisionamento entre os muros dos velhos leprosários na idade clássica refere-se o despojamento de sua linguagem (FOUCAULT, 1972), e esta se faz uma reflexão cara a este trabalho.

Em páginas anteriores da história, é possível deparar-se com o audível da loucura. No Renascimento, conforme apresenta Foucault (1972), a figura do louco provocava tanto assombro quanto fascinação, e sua fala era comumente associada ao poético. Sobre esse momento da História, menciona Corbanezi (2006, p. 21),

Linguagem poética, imaginária e perspicaz que conduz a loucura e seu portador ao infindável diálogo e sabedoria. Período de liberdade e verdade no qual há o elogio à loucura. Período em que a literatura erudita funde-se com a loucura para expressar razão e verdade.

No entanto, se o Renascimento oferece ouvidos ao desatino da loucura⁶, a partir da era clássica, inicia-se um percurso de confinamento que manterá às margens a figura do louco, tanto às margens das cidades, quanto às margens da linguagem.

Da possibilidade transgressiva de uma loucura audível, permitida pela interpretação renascentista, resta o projeto de um silenciamento emergente no período Clássico e consolidado

posteriormente. É assim que podemos afirmar a emergência de um projeto racional de silenciamento. A loucura, com a primeira grande partilha no pensamento cartesiano, passa a ser o exterior líquido e jorrante da rochosa razão. De um lado uma loucura expressiva, excessivamente trágica, uma natureza secreta que não se calará, sendo representada na modernidade por Goya, Nietzsche, Van Gogh, Nerval, Höderlin, Artaud; por outro lado uma loucura sendo domesticada e silenciada pelo uso racional da razão que desembocará, após o classicismo, na ciência médica (FOUCAULT *apud* CORBANEZI, 2006, p. 26).

A arqueologia de Foucault remete aos meneios da apropriação da loucura, do seu aprisionamento em um “saber sobre”, que nada mais tencionou do que despojá-la do seu próprio saber. Portanto, a história que se lê é a de um isolamento da loucura do seu próprio desatino (CORBANEZI, 2006).

Sobre esse aprisionamento da loucura pelos saberes, ler-se-á em Foucault (1972) o percurso de apropriação pelo discurso moral, social, político, religioso, até que, por fim, haverá o encerramento da loucura no discurso médico a partir do final do século XVIII e início do século XIX, o que selaria o silêncio que já se interpunha.

Convém lembrar neste ponto que data do fim do campesinato e declínio das produções artesanais, e conseqüente regurgitação de andarilhos, desocupados e mendigos pelas cidades – ocorridos ainda no século XV –, o tratamento moral que foi reservado ao louco⁷, inclusive que lhe vai ser destinado pela própria psiquiatria mais tarde, conforme aponta Resende (1994).

A partir do final do século XVIII, o tratamento “médico” (destinado aos agora chamados “doentes mentais”) veio substituir a violência declarada pela violência velada, localizando-se em um ponto qualquer entre “o castigo e o remédio, punição e cura” (CORBANEZI, 2006, p. 36). Essa nova forma de tratamento se estenderá ao longo da dita modernidade.

As críticas a esse modelo asilar somente efervesceram no Brasil a partir da década de 1970, através da realização dos primeiros congressos, em que seria denunciado o caos dentro dos hospitais psiquiátricos, inclusive por nomes como o de Franco Basaglia⁸ – líder da reforma psiquiátrica italiana. Neste período em que se iniciam os esforços da Reforma Psiquiátrica Brasileira⁹, passam a surgir propostas em nome de uma nova assistência.

A criação dos Centros de Apoio Psicossocial (CAPS), que no Brasil data do final da década de 80, surge desse árduo processo de esforços pela superação do modelo asilar engendrados pela Reforma Psiquiátrica e pelo movimento da Luta Antimanicomial¹⁰ (BRASIL, 2005).

A partir da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), com a Constituição de 1988, diversos movimentos sociais do início da década de 90, tomando como base o Projeto de Lei Paulo Delgado – que propõe a regulamentação dos direitos das pessoas com transtorno mental –, conseguem aprovar as primeiras leis para substituição progressiva dos leitos por uma rede de atenção à Saúde Mental (BRASIL, 2005).

Dentro dessa rede, conforme Política Nacional de Saúde Mental (2005), os CAPS têm por objetivo “oferecer atendimento à população, realizar o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários”. E constituem-se enquanto “o núcleo de uma nova clínica, produtora de autonomia, que convida o usuário à responsabilização e ao protagonismo em toda a trajetória do seu tratamento” (BRASIL, 2005).

O Sersam, enquanto um serviço substitutivo, faz parte da estratégia criada na direção da desospitalização e da reintegração social dos usuários, tornando-se esta rede o dispositivo de referência para a assistência em saúde mental. Rede esta que se compõe tanto pelos próprios CAPS quanto pelas unidades básicas de saúde, prontos-socorros, Estratégia Saúde da Família, associações, cooperativas, residências terapêuticas, hospital-geral, escolas, instituições de defesa dos direitos dos usuários etc.

Em Divinópolis, o serviço funciona desde 1997 e, atualmente, atende pelo CAPS III¹¹ 24 horas por dia e disponibiliza profissionais especializados para o atendimento das demandas em saúde mental.

Não se pode perder de vista que, sendo o núcleo de uma nova proposta, o Sersam se constitui enquanto *locus* de novas práticas. A essas novas práticas refere-se a proposta da Política de Saúde Mental, apoiada na Lei nº. 10.216/02, que

busca consolidar um modelo de atenção à saúde mental aberto e de base comunitária. Isto é, que garante a livre circulação das pessoas com transtornos mentais pelos serviços, comunidade e cidade, e oferece cuidados com base nos recursos que a comunidade oferece (BRASIL, 2005).

Assim, o que se visou, nessa prática de estágio no Sersam, foi, sobretudo, a abertura, a construção e a sustentação de um espaço para a fala dos usuários – dentro do serviço e dentro da cidade. Buscou-se firmar um esforço na direção de uma nova clínica, rumo à construção da cidadania. Objetivou-se, ainda, fazer uma nova leitura do dizer dos participantes e criar uma via na contramão do silenciamento que persiste.

Esse silenciamento que atravessou os séculos terminou por dar à fala dos loucos um estatuto meramente sintomático, classificado e

catalogado pelo discurso da psiquiatria. Contudo, interessa-nos, aqui, pensar esse sintomático dentro de uma nova perspectiva. Para tanto, pode-se, logo de início, colher a poesia de Manoel de Barros (2010) – o poeta da palavra –, que é também a epígrafe deste artigo: “No osso da fala dos loucos tem lírios”.

Assim, importa-nos, ao longo do texto, margear uma leitura das convergências entre a fala, a escrita psicótica e o próprio fazer poético. Para tanto, é necessário que se detenha, por hora, no método utilizado ao longo de toda esta prática: as Oficinas de Letras, que constituíram, inclusive, a via necessária para o diálogo, literalmente, dos usuários com a comunidade, com a cidade.

OFICINAS: POR QUE E PARA QUÊ?

As oficinas terapêuticas referem-se a um dispositivo da Política Nacional de Saúde Mental e, segundo Rauter (2000), fundamentam-se na ação rumo à construção da cidadania dos indivíduos com transtorno mental, através da facilitação de seu acesso ao trabalho, à arte, ao artesanato e, de uma forma mais ampla, à cultura.

Definem-se, conforme aponta o texto do Ministério da Saúde (2005), como uma das principais formas de tratamento que são oferecidas nos CAPS, tratando-se de atividades realizadas em grupo com a presença de um profissional, estagiário ou monitor. São definidas a partir das necessidades, interesses e possibilidades dos usuários, caracterizando-se como “atividades grupais de socialização, expressão e inserção social”, de acordo com a Portaria nº 189/1991 (BRASIL, 1991).

São, sobretudo, “atividades de encontro de vida entre pessoas em sofrimento psíquico, que visam promover o exercício da cidadania,

a expressão de liberdade e convivência dos diferentes através, preferencialmente, da inclusão pela arte” (VALLADARES *et al.*, 2003, p. 6). Convém ressaltar que as oficinas devem ser pensadas levando-se em consideração o contexto da atuação, os sujeitos envolvidos e, obviamente, suas demandas, expectativas, limites e possibilidades.

Quando se trata de oficinas com usuários de um serviço em saúde mental, será exigido que o profissional atente para algumas questões importantes, tais como o conhecimento sobre a rede de atenção à saúde mental e o papel das oficinas nos serviços substitutivos, além de um conhecimento acerca das psicopatologias, especialmente da psicose – não enquanto foco da prática, mas foco desta discussão –, e, sobretudo, é esperado certo manejo do vínculo com tais sujeitos, os quais geralmente estabelecem um tipo muito particular de transferência¹².

Tendo-se apropriado deste saber sobre a importância de uma prática com oficinas dentro de um serviço em saúde mental, coube construir, a partir do contato com os próprios usuários, uma proposta dentro da vasta gama de possibilidades com este tipo de intervenção.

Logo de início, salta aos olhos, ou seria mais apropriado dizer salta aos ouvidos, a particularidade da fala de muitos dos usuários do serviço. As palavras pareciam tomar-lhes de assalto, atravessando-os, configurando sua linguagem enquanto algo inédito.

Na busca por referências, o trabalho de Greco (2008) com as Oficinas de Letras surge enquanto uma proposta que remete ao particular da fala na psicose, que remete àquilo que já trazia Manoel de Barros, àquilo que, de uma forma documentária, trazia Foucault sobre a loucura no Renascimento.

Todas as referências confluíram pela escolha das Oficinas de Letras enquanto projeto a ser desenvolvido junto aos usuários do Sersam.

O objetivo tornou-se criar um espaço de manipulação daquilo a que se referiam os autores então citados, ou seja, a linguagem.

As Oficinas de Letras, conforme definição proposta por Greco (2008), em uma composição tecida tanto a partir dos grandes nomes da literatura quanto da fala dos participantes das oficinas, definem-se pela

Atividade braçal de fazer arte com palavras, ocupando a palavra pela imagem, buscando criar novos mundos ou novas formas de sentir o mundo; (...); uso criativo da letra para dar conta do silêncio primordial das coisas; ato de reparar a impossibilidade de dizer, *ato de protestar contra o impedimento de dizer*; denúncia da imperfeição das línguas; maneira de pescar com a palavra o que não é palavra; forjar uma pátria na língua, uma das vias de contorno da loucura; dispositivo para mostrar um impossível como real, a palavra como coisa, a letra como matéria; forma silenciosa de gritar (GRECO, 2008, p. 83, grifo nosso).

Na condução deste trabalho, as oficinas eram sempre abertas, observada a rotatividade dos usuários, que têm projetos terapêuticos singulares, com duração variada. A cada encontro, a proposta era relançada e reapropriada pelos participantes. Cabe ressaltar que, embora este trabalho venha dizer da fala dos participantes psicóticos, a oficina abria-se enquanto espaço para todos aqueles que quisessem participar, independentemente de seus prontuários e diagnósticos, e suas produções sempre eram acolhidas.

A cada encontro era oferecida uma superfície concreta de trabalho, a saber: argila, papéis coloridos ou ladrilhos e, principalmente, azulejos, nos quais seria possível escrever ou inscrever através de materiais

de toda a ordem – fitas, lantejoulas, tintas, pincéis, palavras e letras extraídas de jornais e revistas – aquilo que Lacan nomeia enquanto gozo do Outro¹³, no caso da psicose.

Convém lembrar que a materialidade do produto adquire significativa importância nas oficinas em saúde mental, que se relacionam mais estreitamente ao estatuto do objeto do que necessariamente da fala. Para Mendonça (2005), os efeitos subjetivos advêm desse trabalho com uma superfície material concreta, que permitirá a circunscrição do gozo fora do corpo.

No espaço criado pelas oficinas, as palavras eram constantemente exploradas, usadas, desconstruídas – no (re) corte de palavras, na sua desarrumação – e novamente construídas – na sua reformulação, letra por letra, em direção a frases, versos novos, construções torrenciais –, numa espécie de ensaio dadaísta.

Na Oficina de Letras, surgiam mais que letras: imagens, falas, composições poéticas ou não, signos, nomes, inscrições fora do corpo. À medida que avançavam os trabalhos, os participantes tomavam posse da proposta, e a escrita ganhava corpo. Ou seria o próprio corpo a ganhar a escrita, o registro, a autoria?

Os sons e os silêncios ali escreviam a linguagem enquanto algo maior ainda que a própria comunicação, como uma maneira muito particular de ser. Novamente, Barros diz: “Poesia é ocupação da palavra pela Imagem/Poesia é ocupação da Imagem pelo ser” (BARROS, 1998, p. 55). Segundo Greco (2008, p. 84),

se poesia e psicose não são conceitos que possam ser confundidos, isso não impede uma tentativa de aproveitamento daquilo que se apresenta enquanto ‘defeito’ na comunicação na psicose como ‘potencial’ para um trabalho

literário, com uma perspectiva de laço com a literatura contemporânea.

Inegavelmente, as oficinas localizam-se na interseção entre a clínica possível da psicose – por seus efeitos subjetivos – e as ações de cunho sociopolítico, visto que facilitam a vinculação dos pacientes e sua sociabilidade, e ainda funcionam – desde que o oficinairo se proponha – enquanto uma maneira de garantir que a produção circule pelos espaços da cidade e integre a cultura.

Mendonça (2005) menciona, ainda, que coordenar uma oficina é, sobretudo, “se colocar à escuta de uma linguagem muitas vezes sem palavras”. E lembra que o profissional deve “acolher os sons, falas, formas, atos, afirmando que ali há um sujeito com algo a dizer e fazer” (MENDONÇA, 2005). Conduzir uma oficina nesta modalidade implica estar aberto a toda linguagem possível. Neste caso, não basta ser ouvinte, conforme já mencionado, há que ser leitor.

A proposta para a Oficina de Letras é que o coordenador seja capaz mais que de uma escuta, que se proponha a olhar e fazer leituras, que ainda que não situem o poético no dizer do indivíduo psicótico, localizem-no enquanto sujeito.

DO LITERAL AO LITERÁRIO: LEITURAS DA PRODUÇÃO NA PSICOSE

O que dizer de uma participante que, apropriando-se da proposta da oficina, reproduz, na superfície concreta de um azulejo branco, uma imagem similar a de um campo de futebol? No entanto, ao invés de figuras de jogadores, uma palavra aparecia repetidamente, assumindo as posições no campo. A palavra, provavelmente uma criação sua, um

neologismo: *Chuto*, não enquanto verbo sem sujeito, mas enquanto um verbo substantivado, uma palavra personificada, transmutada, empregada de uma maneira inédita. “Em poesia que é voz de poeta, que é a voz /de fazer nascimentos - /O verbo tem que pegar delírio” (BARROS, 2010, p. 301).

Há, ainda, a fala de um participante ao se apresentar: “Eu sou o Estevão¹⁴, o doido varrido do meu bairro. Me varreram para cá e eu fiquei varrido”. O que dizer? Como ler esses dizeres e produções tão literais? Literários?

Uma primeira e valiosa referência pode ser encontrada na psicanálise. É Greco (2008), no seu trabalho com Oficinas de Letras junto a pacientes psicóticos, quem ressalta: “a particularidade estrutural dos frequentadores desta oficina recomenda, além de prudência, um certo saber acerca da psicose e nesse sentido, a psicanálise lacaniana tem contribuições fundamentais” (GRECO, 2008, p. 90).

Para Lacan (1985), há um deslocamento na relação do sujeito com a palavra falada, sendo o psicótico habitado, possuído pela linguagem. O psicótico está foracluído da dimensão simbólica, ou seja, há um “buraco no simbólico”¹⁵ que caracteriza um aniquilamento do significante.

Há, aí, uma impossibilidade de significar esta linguagem que a torna unívoca à coisa. Eis os fenômenos de linguagem que irão caracterizar a psicose, e, a partir dos quais, será possível fazer uma leitura análoga à leitura da poesia. Aí reside o aspecto literal da fala e da escrita psicótica.

É nesse ponto que a metáfora delirante, o conteúdo alucinatório e, mais, a maneira de tais indivíduos se utilizarem das palavras se aproximam do fazer poético. Não se trata aqui de chamar banalmente de poética a linguagem dos indivíduos psicóticos, mas de reconhecer que as tentativas de cura do sujeito e o uso não habitual das palavras podem resultar em produções belas e singulares.

Dentre as produções, muitas foram as que marcaram. Sr. Natanael era um participante bastante emblemático, que fazia cruzeiros no ar valendo-se de suas mãos e dizia-se profeta. Este sempre fazia uma análise prévia da superfície em que escreveria seus versos. Esta deveria ter uma exata medida e uma exata consistência: experimentou a argila e o papel, mas elegeram os azulejos. Sua escrita era fluida. Sentava-se diante de seu azulejo e manejava o pincel com destreza. Diante da proposta de uma das oficinas, que era a de dizer ou escrever de si, ele inicia:

*Natanael é dia
Irmão de Jurandir
Os meus sobrinhos: Natan e Eduardo
Natanael: Irmão de Evandro
No bairro São Lucas
Na Rua Carlos de Albuquerque
Esquina com a Rua Bahia.*

Parece impossível não fazer uma analogia a João Cabral de Melo Neto, em *Morte e vida severina* (MELO NETO, 2007, n. p.), publicado originalmente em 1955:

*O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.*

[...]

*Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.*

Natanael se localiza, se define a partir do que lhe é particular: nomeando cada um dos irmãos, cada um dos sobrinhos, o bairro e finalmente o exato ponto no espaço em que vive, exatamente a esquina em que vive. Embora haja tantos com alcunha de Severino e Natanael – “iguais em tudo na vida” –, aqui temos referências que tornam esse participante um cidadão único. Um sujeito?

A confluência entre esses dois trechos coloca a escrita na psicose numa posição fronteiriça. A linguagem, na psicose, poder-se-ia ousar dizer, situa-se em um ponto quase impossível de localizar quando da sua analogia à poesia, portanto, à literatura. Torna-se difícil dizer até que ponto é poética. Certamente nem sempre há intenção de poesia, trata-se antes de dizer que os fenômenos de linguagem que caracterizam a psicose beiram o poético, despreziosamente, na maioria das vezes.

Já para o escritor, e tomar-se-á aqui a figura do poeta em especial, trata-se de romper com a norma da linguagem, trapaceá-la, transformá-la, refazê-la, a isso se chama “fazer literário”. Vários são os poetas a se referirem a esta alquimia da linguagem. Se nem sempre há intenção de poesia, não se pode, por outro lado, dizer que se trata de um fazer desprezioso.

O uso e até o abuso das palavras se referem àquilo que nos diz Manoel de Barros: “Eu pensava que fosse um sujeito escaleno./– Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse./Ele fez um limpamento em meus receios” (BARROS, 2010, p. 319).

O fazer poético barrense, por exemplo, funda-se num trabalho árduo com as palavras, conforme aponta Costa (2001). Segundo a autora, há uma busca frequente pela palavra que melhor vista a roupagem que deseja lhe por o poeta.

Isso ainda pode ser lido em Rimbaud. Quando citado por Campos (2007), ele diz:

Trata-se de chegar ao infinito pela desorganização de todos os sentidos. Os sofrimentos são enormes, mas é preciso ser forte, nascer poeta, e eu me reconheci poeta. Não é culpa minha, absolutamente. É errado dizer: Eu penso: deveríamos dizer pensam-me. – Perdão pelo *jogo de palavras*. Eu é um outro (RIMBAUD *apud* CAMPOS, 2007, p. 15, grifo nosso).

Pedro, outro participante das oficinas, fazia sempre um trabalho cuidadoso. Não se tratava de um trabalho tão desprezioso, uma vez que as cores usadas e outros aspectos estéticos eram sempre observados por ele. Mas também não se pode dizer que seu escrito dirigia-se ao grande Outro da Literatura. Dirigia-se, normalmente, a algum parente seu, ou ainda às exposições que seriam realizadas e a respeito das quais todos estavam a par e com as quais se envolviam.

As produções de Pedro são marcadas pelo belo, pelo que poderia ser lido, primariamente enquanto “erro”, mas que denota sua linguagem particular:

“Eu queria um pássaro mim.”
“Passamo a vida inteira nu lugar sombrinho”

Seria o indivíduo psicótico um aprendiz de poeta, ou seria o poeta um aprendiz da própria loucura, encarregado de fazer o verbo delirar, de desfazer o normal, de desorganizar os sentidos, romper com a linearidade da língua, com a norma da língua?

Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas. Dizia que seu avesso era mais visível do que um poste. Com ela as coisas tinham que mudar de comportamento. Aliás, a moça me contou uma vez que tinha encontros diários com as suas contradições. Acho que essa frequência nos desencontros ajudava o seu ver oblíquo. Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a contemplavam. Chegou de ir no oculista. Não era um defeito físico, falou o diagnóstico. Induziu que poderia ser uma disfunção da alma. Mas ela falou que a ciência não tem lógica. Porque viver não tem lógica – como diria a nossa Lispector. Veja isto: Rimbaud botou a Beleza nos joelhos e viu que a Beleza é amarga. Tem lógica? Também ela quis trocar por duas andorinhas os urubus que avoavam no Ocaso de seu avô. O Ocaso de seu avô tinha virado uma praga de urubu. Ela queria trocar porque as andorinhas eram amoráveis e os urubus eram carneiros. Ela não tinha certeza se essa troca podia ser feita. O pai falou que verbalmente podia. Que era só despraticar as normas. Achei certo (BARROS, 2006, XII).

“Verbalmente podia”. É o que se lê em Manoel de Barros. Despraticar as normas da linguagem, fazer trocas: é aí que os fenômenos de linguagem

da psicose se assentam, enquanto uma gramática nova e infundada, contudo livre da norma.

Barthes (1977) menciona que, na linguagem, está presente uma relação fatal de alienação, em que falar não seria estritamente se comunicar, mas sujeitar. Aí estão presentes servidão e poder, entrecruzando-se e confundindo-se. E continua:

Se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também e sobretudo a de não se submeter a ninguém, não pode haver então liberdade senão fora da linguagem (BARTHES, 1997, p. 14).

Operando a língua muito mais com o que ela nos obriga a dizer do que aquilo que nos permite dizer, conforme aponta Barthes (1997), citando Jákobson, seria de todo ousado pensar que o delírio do verbo, as mudanças de suas funções e estrutura condizem com alguma liberdade?

Novamente Barthes (1997, p. 14),

Infelizmente, a linguagem humana é sem exterior: é um lugar fechado. Só se pode sair dela pelo preço do impossível [...] Mas a nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente de linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura.

Resta pensar esta liberdade de linguagem – em termos de norma linguística – enquanto algo que pode e deve ser legitimado, dignificado,

acolhido e elevado ao *status* de produção, e quiçá ao de obra. Todo o trabalho das Oficinas de Letras passa por esta assertiva: a de oferecer o espaço em branco para ser preenchido com letras, cores e imagens. Uma plataforma que ofereça espaço e alguma borda para aquele que é marcado pelo excesso, pelo transbordamento, muitas vezes, de palavras.

Cabe ainda dizer que se os indivíduos psicóticos têm uma relação particular com a linguagem, a leitura que aqui se faz é a de que, ainda entre os mesmos, insiste uma particularidade de outra ordem. Se há entre esses indivíduos aqueles que são mais fugazmente atravessados por essa linguagem, há aqueles que parecem dispor de certa habilidade para brincar com a mesma. Refiro-me, aqui, à participante Lana. Elegera o papel e o lápis enquanto suas ferramentas e através destes colocava-se a desenhar no papel seus jogos de palavras. Num desses jogos ela inventa:

*“Feminino e masculino
Médico e médica
Psicólogo e psicóloga
Doutor A. e doutora V.”*

Lana faz lembrar o paciente ao qual se refere Quinet, que precisava listar nomes, objetos masculinos e femininos, assim como o lado direito e o esquerdo, para organizar seu mundo. “Ele assim construiu uma tabela binária determinada pelo par de oposição significativa masculino/feminino” (QUINET, 2006, p. 81).

A escrita, enquanto um dos métodos abordados na oficina, mas não o único, ganha um lugar de todo especial neste tipo de trabalho e remete novamente a Barthes (1997), que se refere à literatura não enquanto um corpo de obras ou setor de ensino, mas “o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever”. E ainda completa: “Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto” (BARTHES, 1997, p. 16).

Ainda à escrita, enquanto extensão do corpo, ou mais ainda, a escrita-corpo de Artaud, refere-se Lins (2000, p. 14), quando menciona:

Ora, ao parir bebês-palavras prematuros ensanguentados e enlouquecidos pela violência de um grito e pela ‘força dilatante e repulsiva’ de um ser que atinge o ‘pleno para cair do vazio’, Artaud inventou a palavra e com ela engendrou a loucura, nervura e intimidade do pensamento.

Para Artaud, ainda segundo Lins (2000), falar o mundo – *Parler le monde* – é viver o próprio mundo. E “nenhum esquema poderia reger a relação direta de um corpo com o mundo” (LINS, 2000, p. 15).

Para se pensar o processo de escrita, novamente auxilia Manoel de Barros ao se utilizar da figura da lesma, enquanto ser que escreve com seu próprio corpo: “Em passar sua vagínula por entre as pobres coisas do chão, a/ lesma deixa risquinhos líquidos/ A lesma influi muito no meu desejo de gosmar sobre as/ palavras [...] Parece que a lesma é só uma divulgação de mim” (BARROS, 2010).

Se Barros e Artaud dão conta do processo da escrita literária – feita com o próprio corpo – enquanto uma forma de ora ceder às palavras, ora torcê-las, errá-las “ao dente”, “produzir seu adoecimento”, “perder-se no texto”, a psicanálise fornece preciosas contribuições para a compreensão da escrita na psicose.

Certa feita, Wilson, um participante que parecia intimidar-se ante a escrita, diz: “Sou analfabeto”. Não se arriscaria na aventura da escrita ou da leitura, porque, segundo suas próprias palavras, ele “não conseguia”. Acolhido esse seu dizer, e uma vez lendo junto a ele uma poesia – a seu pedido –, Wilson, por conta própria, conclui a leitura lendo os últimos versos. Depois desse episódio, o participante solicitou um azulejo e inicia à tinta, pela primeira vez naquelas oficinas, um texto. A cada

letra ele para, pergunta, sugere esta ou aquela letra, salta algumas, une outras. Ao final, pode-se ler: “Si De e pono, que se sontra no” – Se Deus é por nós, quem será contra nós? – Ali estava seu texto, e ao oficinairo nada mais caberia do que assistir, sem interferir, criando uma ou outra condição para facilitar seu processo de escrita.

Lacan, citado por Fernandes (2002), sugere que se tome o que diz o psicótico ao pé da letra, propondo o modelo de *leitura*, que implica “secretariar” o psicótico, de forma a não interromper, interpretar ou completar suas frases, visto que seus efeitos não param no ponto em que estas se interrompem. Lacan ainda menciona que

se soubermos escutar, o delírio das psicoses alucinatórias crônicas manifesta uma relação muito específica do sujeito em relação ao conjunto dos sistemas de linguagem em suas diferentes ordens. Só o doente pode testemunhar isto, e ele o testemunha com a maior energia (LACAN *apud* FERNANDES, 2002, p. 10).

No trabalho com as Oficinas de Letras junto aos participantes psicóticos, não cabe ao oficinairo outra função, senão esta: secretariar. Fornecer material, disponibilizar superfície, assistir esse processo. Talvez, algumas vezes, assistir *a* esse processo.

Noutro episódio, um participante idoso – o Sr. João –, ao iniciar a sua produção, decreta: “Com pouco vai, com muito derrama”, versando, numa espécie de cordel, o derramamento do excesso de gozo na própria produção, agora localizado, delineado, talhado.

Em outra oficina, os participantes desenvolveram, com esmero, uma superfície feita de argila. Na preparação, evidenciava-se o cuidadoso trabalho com as mãos, que explanavam e modelavam a planície na qual seriam plantadas palavras com pincel e tinta. Nesse trabalho,

frases urgentes despencavam, descolando-se dos participantes para colar-se ao barro.

Gessi, uma participante assídua das oficinas, fascinada pela música, declara, certo dia, que perdeu seus documentos. Diante de tal fato, ela se coloca: “Preciso escrever meu nome em todo lugar agora, para que todo mundo saiba que sou eu”. Ao seu pedido, lhe são entregues folhas de papel. Gessi, então, se escreve:

*Meu nome é Gessi
Resíduo na cidade de Divinópolis
Sou classe média
Gosto de histórias em quadrinhos
Com três cinco três retas
Eu faço um castelo
Arco-íris sol e lua
Uma flor laranja
E uma passageira.*

Sua assinatura lhe confere o fato que todos saberão que ali *é ela*. Ela que, ao contrário de seus documentos, não está perdida quando coloca na sua produção o seu nome. Em outros momentos, Gessi escreve letras de músicas e reproduz poesias. Palavras parecem entrar sem seu convite na sua escritura, substituindo as originais, transformando o que seria uma cópia em uma música com uma nova letra.

Retomo novamente a produção do Sr. Natanael. Na sua escrita fluida, seus versos ele sabia de cor: era o profeta que pré-via seus versos. Por que não dizer: um profeta com alguma inclinação para poeta? Seu delírio ele versava:

Jesus veio ao Brasil
Pessoalmente em carne osso
Disse esse Jesus:
João Batista não era Elias.

“João batista não era Elias”, nos diz o Sr. Natanael. “O espaço da terra não se escreve com as mesmas letras que o *espasso* do céu”, nos diz Antônio, outro participante das oficinas. É literal.

É necessário dizer e escrever que João Batista não era Elias. E não parece concebível supor que sendo o espaço da terra diferente do espaço do céu, estes sejam escritos com a mesma grafia. Não resta belo apenas o resultado, todo o processo da escrita é transpassado pelo inédito, pelo não usual, pela surpresa, pela *literalidade* – termo que, neste caso, poderia designar tanto o que é literal, quanto o que é literário.

Para Mendonça (2005), a transformação da metáfora delirante em texto refere-se a uma função da clínica com indivíduos psicóticos, tratando-se este de um trabalho que pode abrir vias secundárias para aqueles aos quais faltou uma via principal.

De outro ângulo, seria possível dizer que alguns participantes das oficinas, através de sua estreita relação com a linguagem, rompem com aquilo que Luís Fernando Veríssimo (2008) chama de “intimidade gramatical”, em seu livro *O gigolô das palavras*.

Certa participante chega para a oficina com a seguinte frase: “Vou escrever, porque desenhar não me adianta”. Em vista disso, poder-se-ia buscar, em Lispector (1998, p. 6), a seguinte convergência:

Quando vieres a me ler perguntarás por que não
me restrinjo à pintura e às minhas exposições,
já que escrevo tosco e sem ordem. É que agora

sinto necessidade de palavras – e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada. A palavra é a minha quarta dimensão.

Sublinho que o espaço da Oficina é, sobretudo, de criação e de invenção, onde não há imposição de que se trace uma escrita, em que se ouse com as letras, embora o texto insista em aparecer, às vezes, ao primeiro convite.

Ainda que surjam imagens e rabiscos, para alguém ou para além das letras, estes assumem, no contexto da Oficina de Letras, um estatuto outro: trata-se de criações a partir de um traço, trata-se de inscrições. Trata-se de tirar do corpo e despejar do lado de fora, por sobre uma superfície. Trata-se de fazer este desenho fora do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível, ao final deste trabalho, ver as oficinas, uma a uma, enquanto apostas diárias de trabalho. A cada dia que se relançava a proposta e visto que nem sempre os usuários eram os mesmos da semana anterior, esperava-se e fazia-se o possível para que aquele espaço pudesse funcionar enquanto essa segunda via de inscrição para aqueles participantes enquanto sujeitos. Inclusive, experimentamos junto a eles trabalhar com músicas e poemas, e com a falta desse tipo de material – digamos, auxiliar –, buscando um momento de criação livre, ancorado apenas naquilo que estava por dizer em cada um dos participantes.

Dessa forma, foi possível assistir a momentos fantásticos em que o processo que antecede àquela produção final alcançou seu papel clínico, em que os próprios participantes acolheram e legitimaram os

trabalhos que eram ali concluídos e apresentados, em que surgiram poemas, em que foi possível perceber a emergência de um sujeito. Contudo, assistiu-se, também, a momentos em que a oficina não teve grande apelo aos usuários que compunham, naquele dia, o cenário do Sersam. Coube sustentar o convite a cada dia da prática.

Como parte fundamental deste trabalho, foi organizada, junto aos participantes, uma primeira Mostra do material produzido nas oficinas – ainda no primeiro semestre do trabalho, enquanto uma maneira de abrir uma janela entre o serviço e outros pontos da cidade. A I Mostra das Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental – Sersam/Divinópolis aconteceu no saguão do bloco administrativo da Funedi-UEMG no mês de abril de 2010. Os sujeitos das produções marcaram presença no evento, assumindo um lugar novo: o de autores. Além da circulação da produção, circulavam agora seus nomes próprios.

A Mostra parece alcançar dois efeitos importantes: o de ocupar espaços outros da cidade, que não o do Sersam, o que vai de encontro à mudança das representações acerca da loucura; e ainda, é possível crer que também aí reside uma dimensão clínica fundamental, que se refere à perspectiva de estabelecimento de laços, facilitando o trânsito desses indivíduos pelo espaço social.

A II Mostra das Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental ocorreu no segundo semestre de 2010 e ganhou corpo. As numerosas produções ocuparam, desta vez, todo o espaço disponível no saguão da Funedi-UEMG, constituindo um grande convite ao olhar, à leitura.

A exposição também contou com uma veiculação ainda maior, visto que a divulgação foi ampliada, e o convite, estendido tanto aos órgãos de gestão, tais como a Secretaria de Saúde, quanto a outros segmentos da sociedade divinopolitana. As reportagens e jornais tiveram uma participação importante, com a função de fazer esse evento chegar até vários pontos da cidade, alcançando as ruas e as casas, muito embora,

na própria notícia, ainda se possa ler a insistência de um tom pejorativo e discriminatório. Tais reportagens remetem ao fato de que ainda se continua a estigmatizar os indivíduos com transtornos mentais, inserindo-os numa discussão entre capacidade *versus* incapacidade, o que vem representar todo um imaginário social.

Isto nos remete à dimensão inicial deste trabalho. Estes são os primeiros esforços, cuja maior tarefa é funcionar enquanto multiplicadores. A partir do momento em que as Mostras acontecem na universidade, cria-se uma possibilidade para que, posteriormente, haja mais movimentos como esses, originados também ali.

Nesse âmbito, o papel dos oficinairos é de facilitar esse espaço de inscrição da dita loucura nos espaços da cidade, nos entremeios da cultura. Para tanto, há que se adotar um novo olhar, que dignifique e valorize a maneira de tais indivíduos se escreverem. Criar vias de circulação dessa intensa produção, literal ou literária, é um passo rumo à construção de uma cidadania, não enquanto um conceito esvaziado, mas enquanto garantia do direito de optar, escolher, propor, ir e vir, direito de ser escutado no seu dizer, lido na sua escritura.

Ao final deste trabalho de um ano, persiste uma série de questões. Ainda que muito se tenha falado a respeito das confluências facilmente observáveis entre a linguagem na psicose e o fazer literário, ainda é pertinente que se pergunte até que ponto ambos convergem e até que ponto se distanciam.

Cabe também questionar até que ponto o manuseio da linguagem, ou ainda, a sustentação de um espaço para esse uso, pode dar conta da clínica da psicose. Até que ponto é possível ao indivíduo psicótico dispor realmente desta linguagem que o atravessa? Em que medida se dá a sua inscrição como sujeito a partir daí? Essas são questões que permanecem em suspenso para respostas futuras, esforços futuros.

Ainda é possível refletir mais a fundo sobre o lugar que ocupa o oficinairo, e sobre o qual é necessário ter clareza. Pode-se dizer que esse lugar marca o querer saber e, ao mesmo tempo, não deter esse saber, ou seja, o lugar de ser um a mais no momento da oficina, e – quem sabe – um a menos no momento em que a evidência deve ser as produções e seus autores, o lugar daquele que *assiste* primeiro, para depois *assistir a*.

O trabalho de oficinairos, de terapeutas, de psicólogos parece parar somente no ponto em que consegue se ramificar, multiplicar. Esta é a leitura deste trabalho e desta passagem pelo Sersam: tratou-se de um esforço para chegar, um esforço para permanecer, e um novo esforço para sair.

Para ser *leitor*, foi necessário afinar os olhos todos os dias, buscar referências outras que não dentro dos limites dos muros da Psicologia, como a literatura, que aqui se tornou a grande lente para enxergar as produções. Por fim, houve e há ainda que se fazer um movimento rumo à autonomia dos sujeitos com transtorno mental e à multiplicação de ações que promovam sua cidadania, articulando e mobilizando a comunidade: sejam os órgãos gestores, sejam os colegas de profissão, a academia, professores, o Sersam, a mídia...

Que alcances outros? Impossível saber.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, P. Apresentação. In: BASAGLIA, Franco. **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BARROS, M. de. **Concerto a céu aberto para solos de ave**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BARROS, M. de. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2006.
- BARROS, M. de. **O guardador de águas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BARROS, M. de. **O livro das ignoranças**. In: BARROS, M. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2010.
- BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BASAGLIA, F. **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária. 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde**. Coordenação Geral de Saúde Mental. Saúde Mental do SUS: os centros de atenção psicossocial. Brasília, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Brasília, nov. 2005. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf. Acesso em: 28 jul. 2020.
- BRASIL. **Portaria nº 189, de 19 de novembro de 1991**. Aprova os Grupos e Procedimentos da Tabela do SIH-SUS, na área de Saúde Mental. Brasília: Ministério da Saúde, 1991.
- CAMPOS, M. **Rimbaud: o poeta sem palavras**. Belo Horizonte, 2007.
- CHEMAMA, R. *et al.* **Dicionário de psicanálise**. Freud & Lacan, vol. 1. Salvador: Ágalma, 1997.
- CORBANEZI, E. R. **A episteme (des)silenciadora da loucura**. Marília, SP: [s. n.], 2006.
- COSTA, B. A. da. **Manoel de Barros: os “despropósitos” da poesia**. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/5008/3680>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- FERNANDES, M. C. *et al.* Estratégias psicanalíticas no diagnóstico e tratamento psicose. **Laboratório de Psicanálise da UFC**, 2015. Disponível em <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Trabalhos/08.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2010.
- FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade Clássica**. Trad. de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GRECO, M. Oficina: uma questão de lugar? *In*: FIGUEIREDO, A. C. (Org.). **Oficinas terapêuticas em saúde mental**: sujeito, produção e cidadania. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2008.

LACAN, J. **O seminário, livro III**: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LINS, D. A. A. **O artesão do corpo sem órgãos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MELO NETO, J. C. de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MENDONÇA, T. C. P. As oficinas na saúde mental: relato de uma experiência na internação. **Psicol. Cienc. Prof.**, 2005, vol. 25, n. 4, p. 626-635. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932005000400011>. Acesso em: 24 abr. 2018.

QUINET, A. **Psicose e laço social**: esquizofrenia, paranoia e melancolia. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

QUINET, A. **Teoria e clínica da psicose**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

RAUTER, C. Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. *In*: AMARANTE, P. **Ensaio**: subjetividade, saúde mental, sociedade. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2000.

RESENDE, H. Política de saúde mental no Brasil: uma visão histórica. *In*: **Cidadania e loucura**: Políticas de saúde mental no Brasil. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SHAAFFER, M.; FLORES, V. do N. **O que fala o psicótico**: a pesquisa interdisciplinar no estudo da psicose. *Aletheia*, 2005, n. 22, p. 89-100. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942005000200009. Acesso em: 4 nov. 2010.

VALLADARES, A. C. A. *et al.* Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. **Rev. Eletrônica de Enfermagem**. Goiânia: UFG, v. 5, n. 1, p. 4-9, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/768>. Acesso em: 28 jul. 2020.

VERÍSSIMO, L. F. O gigolô das palavras. *In*: **Mais comédias para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

NOTAS DE FIM

- 1 Este artigo é resultado de atividade de Ensino no curso de Psicologia da UEMG Divinópolis.
- 2 Graduada em Psicologia pelo Inesp/Funedi/UEMG.
- 3 Professora do curso de Psicologia UEMG Divinópolis, mestre em Psicologia pela Fafich/UFMG.
- 4 Convencionou-se utilizar, neste artigo, esta terminologia para se referir aos participantes das oficinas com diagnóstico de psicose. Contudo, o emprego do termo não visa uma totalização ou rotulação de tais indivíduos.
- 5 Materiais como papéis, argila e azulejos, principalmente. A materialidade do produto assume grande importância no trabalho com oficinas terapêuticas em saúde mental e será discutida mais tarde.
- 6 Cabe ressaltar que a experiência da loucura no Renascimento é marcada por sua ambiguidade: ora sábia, ora imoral, ora à luz, ora à sombra, representante tanto da verdade quanto da mentira; contudo, munida de possibilidade de transgressão (FOUCAULT, 1971).
- 7 A ruptura com a ordem feudal na Europa e a emergência do capitalismo mercantil criaram a necessidade de um “novo homem”, e as exigências que lhe foram introduzidas não poderiam ser cumpridas pela figura do louco. Assim, ao louco coube o enclausuramento, o controle e, eventualmente, o tratamento (RESENDE, 1994).
- 8 Psiquiatra que liderou o mais importante processo de reforma psiquiátrica e saúde mental, ocorrido em Gorizia e em Trieste, sendo hoje uma referência internacionalmente reconhecida tanto pela comunidade científica quanto pela Organização Mundial da Saúde (AMARANTE, 2005, p. 9).
- 9 A Reforma Psiquiátrica é processo complexo, de ordem política e social e se compõe de diversos atores, instituições e forças, abrangendo territórios variados, nos âmbitos federal, estadual e municipal, passando pelas universidades, instituições de saúde, comunidades, e nos territórios do imaginário social (BRASIL, 2005).
- 10 O movimento, desde 1987, organiza-se através de núcleos em diversas cidades e estados do país. Nasce a partir da retomada da mobilização social, sobretudo em torno da luta pela redemocratização do país, com os trabalhadores de saúde mental (BRASIL, 2005).
- 11 CAPS III são os serviços de maior porte da rede CAPS. Trata-se de serviços de grande complexidade, uma vez que funcionam durante 24 horas em todos os dias da semana e em feriados. Com no máximo cinco leitos, o CAPS III realiza, quando necessário, acolhimento noturno – internações curtas, de algumas horas a no máximo 7 dias.

A equipe mínima para esses serviços deve contar com 16 profissionais, entre os profissionais de nível médio e superior, além de equipe noturna e de final de semana. Esses serviços têm capacidade para realizar o acompanhamento de cerca de 450 pessoas por mês (BRASIL, 2005).

- 12 Conforme afirma Lacan (*apud* CHEMAMA *et al.*, 1997, p. 277), na transferência há “um discurso onde o assujeitamento do sujeito ao significante de sua demanda se transfere em subjetivação disto que causa seu desejo” (FREUD; LACAN. Dicionário de psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. vol. 1, p. 277).
- 13 “O Outro do psicótico, por carecer de um significante da lei, é um Outro absoluto ao qual o sujeito está submetido. (...) A posição estrutural do sujeito na psicose é a de ser objeto de gozo do Outro, objeto de uso do Outro, este Outro absoluto que reproduz o primeiro tempo lógico do Édipo, quando a criança se encontra identificada ao falo imaginário da mãe como objeto de seu uso pessoal” (QUINET, 1997, p. 17).
- 14 Neste trabalho, todos os nomes foram substituídos por pseudônimos.
- 15 Há um buraco no simbólico, que não permite ao sujeito ter um lugar, ele está foraccludo. O sujeito psicótico, na procura de aceder ao simbólico, busca um lugar e um saber quem é. A ocupação de um lugar dentro do quadro familiar e a falta de poder falar seu lugar na história familiar apontam para a foracclusão do significante primordial, para a não instituição completa, nem do Édipo, nem da instituição de um terceiro – o simbólico – que permitiria ao psicótico constituir o desejo de saber. O psicótico parece estar aprisionado a um real impossível de ser simbolizado (SHÄFFER; FLORES, 2005).